

“Caminhos da Educação”: o ensino público do Pará em perspectiva¹

Leonardo RODRIGUES²

Fábio XAVIER³

Johnny MACHADO⁴

Josuelton CHAGAS⁵

Karen LOUREIRO⁶

Márcia PINHEIRO⁷

Thaís AMORIM⁸

Netília Silva dos Anjos SEIXAS⁹

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

A tarefa de educar traz inúmeros desafios, os quais, quando se trata da educação pública, se tornam ainda maiores. Alunos, professores, família, Estado. As variáveis que compõem a educação se combinam de diversas formas, tornando difícil uma interpretação de causa e efeito. O programa de rádio “Caminhos da Educação” foi pensado sem ignorar isso, tendo como objetivo pôr o ensino público no Pará em perspectiva, tema de grande importância porque o estado tem alguns dos piores índices educacionais do país. Neste *paper*, abordamos a criação e as etapas do desenvolvimento do programa, ele próprio um processo de aprendizado para os estudantes da Turma 2014 do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, no âmbito do Laboratório de Radiojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Radiojornalismo; Educação pública; Documentário radiofônico.

1. INTRODUÇÃO

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em áudio e rádio.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: leonardosarodrigues@gmail.com.

³ Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: fabioxavier30@yahoo.com.

⁴ Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: phanlimpuls@gmail.com.

⁵ Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: josueltom.chagas@hotmail.com.

⁶ Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: yui-s2@hotmail.com.

⁷ Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: marciapinho37@gmail.com.

⁸ Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará, email: thaissouza.comsoc@gmail.com.

⁹ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, email: netilia@uol.com.br.

Por onde anda a educação pública em Belém? Qual é o estudante que está sendo formado nas escolas da região? Essas foram as principais perguntas que nortearam o programa “Caminhos da Educação”. Não conseguimos esgotá-las, feito que não seria possível em um único programa e com o tempo que tivemos para produzi-lo, mas pretendemos dar um vislumbre da situação do ensino público em Belém ouvindo principalmente os professores, os quais, ao lado dos estudantes, são os principais atores da educação. As perguntas que fizemos a ambos tentavam entender como era o ambiente em sala de aula, quais eram as maiores dificuldades e os pontos positivos no dia-a-dia da escola.

O documentário começou a ser concebido no final de janeiro deste ano e as entrevistas foram realizadas entre fevereiro e março. Tivemos dificuldades de conseguir permissão para visitar algumas escolas porque o período em que o programa foi produzido coincidiu com o fim do ano letivo de 2015 da rede estadual, afetado por uma greve de professores que durou 73 dias. Nesse período, os alunos estavam terminando as últimas avaliações.

Visitamos as escolas Mário Barbosa (no bairro da Terra Firme), Camilo Salgado (Jurunas), Barão do Rio Branco (Nazaré), Vilhena Alves (São Brás) e Ulysses Guimarães (São Brás). De início, pensamos em escolher as escolas com base na nota que obtiveram no Índice de Desenvolvimento do Ensino Básico (IDEB), comparando as escolas com as maiores e as piores notas, mas isso não foi possível porque nem todas apresentavam dados completos e aquelas com as quais entramos em contato não permitiram que entrevistássemos os alunos.

Mesmo assim, pudemos perceber a diferença entre as escolas que visitamos: algumas tinham problemas na estrutura do prédio e sofriam com a violência, outras haviam passado por reformas recentemente e apresentavam melhores condições.

Como observa o autor Washington Luiz de Oliveira Júnior (2010, p. 12), “a finalidade primordial da educação pública deveria residir na sustentação intelectual aos cidadãos de uma nação, mas o Estado brasileiro não desempenha de forma satisfatória o seu papel”.

2. OBJETIVO

Como o próprio nome sugere, o programa “Caminhos da Educação” tem o objetivo de percorrer os caminhos nos quais a educação pública em Belém se encontra hoje, para dar uma ideia geral sobre o tema, e, ao mesmo tempo, remeter à trajetória dos alunos na escola, tendo como referência os últimos anos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. Outro sentido que pode ser atribuído à palavra “caminhos” é possibilidade. No programa, também sugerimos o que pode ser melhorado na educação pública.

3. JUSTIFICATIVA

O Pará apresenta alguns dos piores índices educacionais do país (G1 PARÁ) e foi, no ano passado, o único estado a não entrar em recessão (CÔRREA) Até quando esse modelo se sustenta? A extração de minérios representa grande parte da economia paraense, mas esse produto é, na maioria das vezes, exportado sem ser beneficiado, processo que envolve o uso de tecnologia e que necessita de profissionais com alta instrução.

Acreditamos que não é possível uma sociedade se desenvolver e superar problemas de violência e desigualdade social sem uma educação de qualidade, que ofereça o suporte necessário para tais transformações. Lia Rosenberg lembra que “a escola não gera as desigualdades, estas são originadas fora da escola” (1987, p. 72), mas afirma que esse espaço também representa a possibilidade de inovação. Oliveira (2010, p.8) diz que “a educação não é a salvadora de tudo, mas, sem ela, é impossível ter democracia, riqueza, liberdade”. A greve de professores da rede estadual é só um sintoma de que a educação no Pará não está recebendo a devida atenção do governo. Por isso é tão importante falar nesse assunto.

Muitas dessas reflexões provem dos debates que ocorreram na disciplina de Estudo de Temas Amazônicos I, em que se questionava qual seria o papel da Amazônia para o Brasil, se a região estaria sempre condenada a oferecer recursos naturais ao país, como se fosse uma colônia, sem pensar no seu desenvolvimento social. Nesse sentido,

uma política educacional de qualidade é emancipatória. Paulo Freire considera que a educação “desperta os dominados para a necessidade da briga, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do mundo, à reinvenção do poder” (FREIRE *apud* OLIVEIRA JÚNIOR, 2010, p.6).

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Todas as entrevistas foram gravadas fora do estúdio, com celulares e gravadores digitais, e, em seguida, foram transcritas para facilitar a seleção dos trechos a serem usados. O programa Sony Sound Forge 7.0 foi usado para fazer gravar as matérias dos repórteres e o roteiro do programa pelos locutores e para a edição de áudio. A finalização do produto, a inserção de efeitos e trilhas sonoras foi feita com o programa Sony Vegas.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Em um mundo em que a imagem é dominante, como aponta Mônica Kaseker (2010) em sua tese de doutorado¹⁰, muitos consideram o rádio um meio obsoleto. Como então tratar de um tema tão complexo como a educação num formato radiofônico, ainda mais com o caráter de um documentário? O primeiro desafio foi coletar dados sobre o ensino público e organizá-los de modo que fizessem sentido. O segundo, foi com relação ao tempo do produto. Pensamos em uma faixa de quinze a vinte minutos para que o programa não fosse tão curto a ponto de ser superficial nem tão longo, para não ser cansativo. Escolhemos como público-alvo os adultos e jovens, por ser a educação um tema de relevância para todos.

Obsoleto o rádio não é – em São Paulo, a audiência do rádio pela manhã é maior que a da televisão (CASTRO) –, mas compete com a imagem e as distrações do mundo externo. Uma palavra que não é clara para o ouvinte pode prejudicar o entendimento de uma reportagem inteira. No rádio, o material – o som – condiciona a forma e o conteúdo, o que, em termos práticos, significa que a linguagem usada deve ser simples,

¹⁰ “O tempo da visão é mais veloz do que o tempo do ouvir e, por isso, numa civilização da visualidade estaríamos coagidos a esquecer que ouvimos em função de que somos obrigados a enxergar o tempo todo” (KASEKER, 2010, p.28).

as orações não podem ser intercaladas, para não confundir. Meditsch diz que toda a força e fragilidade do rádio, “como meio de comunicação, está em estruturar-se unicamente sobre a dimensão do tempo, no mesmo eixo percorrido pela consciência de quem ouve” (MEDITSCH, 2007, p.158).

Um dos nossos desafios foi o esforço de nos adaptar à linguagem radiofônica, após três semestres praticando o jornalismo impresso. Recorremos aos manuais de estilo e ouvimos programa de rádio para que pudéssemos nos habituar a essa linguagem. É preciso escolher palavras simples e as construções devem estar na ordem direta, mas é necessário também levar em conta a sonoridade das frases e o “fôlego” dos locutores.

Segundo Luiz Arthur Ferraretto,

a linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que atuam isoladamente ou combinados entre si de diversas formas. Cada um desses elementos contribui, com características próprias, para o todo da mensagem. (FERRARETTO, 2001, p.26).

A atenção do ouvinte é cada vez mais dispersa, daí a necessidade de dividir o programa em reportagens – seis, no total –, com uma média de dois minutos para cada, as quais, juntas, compõem um panorama sobre a educação. Trata-se de uma estratégia que vem sendo adotada no radiojornalismo há algum tempo, como aponta Eduardo Meditsch:

Na década de 90, muitas emissoras trabalham com a hipótese de que a atenção média pode se manter por três minutos e algumas reduziram essa estimativa para 90 segundos. As emissoras adotam o subterfúgio de dividir uma informação em várias, a fim de transmitir conteúdos que ultrapassem esses limites (MEDITSCH, 2007, p.183).

Na escolha das pautas, decidimos abordar dois aspectos da Educação escolar pública: a *posição* em que se encontra atualmente – os problemas, as reclamações de alunos e professores – e os *caminhos* que pode seguir – apontando aquilo que pode servir para melhorar o ensino. De um lado, mostramos a importância da formação continuada dos professores, enfatizamos o envolvimento da família nos estudos, falamos da necessidade de reformular o currículo do Ensino Médio. De outro, mostramos problemas como a evasão escolar, a defasagem idade-série e a desvalorização do professor.

O tema que nos propusemos a abordar – a educação pública – é sério e não pode ser tratado levemente. Tendo isso em mente, decidimos que a melhor forma de apresentá-lo seria nos moldes de um documentário, com uma linguagem objetiva, fazendo pouco uso de recursos sonoros e sem recorrer a outros formatos, como uma peça radiofônica.

Em nossas pesquisas, encontramos duas definições sobre documentário de rádio. Uma, de Luiz Arthur Ferraretto, diz que esse formato se caracteriza por abordar “um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante” (FERRARETTO, 2007, p.57). A outra definição, de Robert Mcleish, diferencia os programas especiais dos documentários radiofônicos, afirmando que nestes “o objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação sempre se baseando na reportagem honesta e equilibrada” (MECLEISH, 2001, p. 191).

Mcleish diz, ainda, sobre os documentários:

É comum que os temas para programas se apresentem como ideias que de repente se tornam óbvias. Com frequência têm a ver com questões contemporâneas, tais como as relações raciais, o desenvolvimento urbano, a poluição, o meio ambiente, a pesquisa médica. O programa pode explorar um único aspecto desses assuntos, tentando examinar em termos gerais como a sociedade enfrenta as mudanças. (MCLEISH, 2001, p. 191).

Nosso grupo foi composto de sete pessoas e o dividimos de modo que todos gravassem no estúdio, como exigido pela orientadora, sendo dois locutores e cinco repórteres. Outra exigência foi que todos participassem das etapas de programa: a produção, o roteiro e a edição.

O banco de dados, na internet, da Organização para a Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OECD, na sigla em inglês) foi uma fonte importante para o nosso programa, assim como o *site* do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, que disponibiliza estatísticas sobre as escolas do país. Baseamo-nos também no *site* do Movimento Todos Pela Educação.

Selecionar o material que íamos usar foi uma tarefa difícil. Como poderíamos interpretar e contextualizar os dados? O que selecionar das entrevistas dos professores?

Em alguns casos, as pautas mudaram de acordo com que os professores diziam. A equipe foi dividida em três grupos, complementares entre si: um responsável por pesquisar dados, outro pelo contato com os entrevistados e um pelo roteiro. Todos realizaram entrevistas. Essa foi a forma encontrada para dar agilidade à produção do programa e fazer com que os prazos fossem cumpridos.

6. CONSIDERAÇÕES

Ouvir é diferente de escutar. Enxergar é diferente de ver. Na passagem de um nível a outro, há processos de assimilação, de reconhecimento e interpretação. Para Kaseker (2010, p.24), “a metrópole oferece um imenso fluxo de imagens, mas os homens ainda não estão preparados para atribuir sentido a elas. A experiência da realidade foi profundamente transformada, num processo de industrialização do tempo e do espaço”.

Essa exposição excessiva a diferentes estímulos provoca, na maioria das vezes, um efeito anestésico. Não é de surpreender que os professores sintam que não são *ouvidos*. “Ninguém sabe o que se passa aqui dentro”, disse-nos uma professora de português que trabalha há dez anos em escolas públicas. Para Lia Rosenberg, “o abismo que separa o horizonte de convergência dos grupos que *pensam* e dos que *fazem* a educação é um obstáculo cuja superação pode representar um passo importante para a transformação do sistema educacional” (ROSENBERG, 1987, p. 74)

Ainda há um longo caminho para que as escolas públicas, em sua maioria, consigam superar as suas deficiências, mas é possível pensar o que se pode esperar delas. Pensando a escola na era da informação, uma era em que a tecnologia permitiu o acúmulo inimaginável de conhecimento, o autor Moacir Gadotti (2000) vislumbra uma escola que, dentre outros aspectos, valorize a cidadania, a formação das pessoas, não a simples assimilação de conhecimento, uma escola que desenvolva as habilidades interpessoais, o pensamento crítico.

Quanto aos nossos caminhos dentro da universidade, sem querer soar pretensioso, consideramos que conseguimos responder à altura ao desafio de realizar a produção do programa e cumprir o objetivo de dar voz e escutar alunos e professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Daniel. De manhã, rádio tem o dobro da audiência da TV aberta em SP. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/de-manha-radio-tem-o-dobro-da-audiencia-da-tv-aberta-em-sp-3672>>. Acesso em: 19 de fev. de 2016.

CÔRREA, Marcello. Pará será o único estado sem recessão, aponta estudo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/para-sera-unico-estado-sem-recessao-aponta-estudo-17779291>>. Acesso em: 19 de fev. de 2016.

FERRARETTO, Luiz Arthur. O rádio. In:_____. **Rádio:** o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Dora Luzzatto, 2007, p. 21-40.

_____. Programação radiofônica. In:_____. **Rádio:** o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Dora Luzzatto, 2007, p. 52-63.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da comunicação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.2, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/wp-content/uploads/2014/07/v14n2.pdf>>. Acesso em: 19 de maio de 2016.

G1 PARÁ. Escolas estaduais do Pará têm pior Ideb de ensino médio da região norte. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/09/escolas-estaduais-do-para-tem-o-pior-ideb-de-ensino-medio-do-brasil.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

INEP. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/>>.

KASEKER, Monica. O lugar social da escuta. In:_____. **O que escutar quer dizer:** a constituição do *habitus* do ouvinte de rádio no cotidiano familiar. 2001, 326 f.. Tese de Doutorado em Sociologia (Programa de Pós Graduação em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010, p. 20-63.

MCLEISH, Robert. Documentários e programas especiais. In:_____. **Produção de rádio:** um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus Editorial, 1999, p.191-198.

MEDITSCH, Eduardo. A construção da informação e a oralidade virtual. In:_____. **O rádio na era da informação:** teoria e técnica no novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2007, p. 147-220.

OECD. Disponível em: <<http://www.oecd.org/>>. Acesso em: 01 de fev. de 2016.

OLIVEIRA JUNIOR, Washington Luiz de. A educação pública brasileira, enquanto direito fundamental, e a sua ação política na busca permanente ao estado democrático de direito. In: **Congresso Internacional de Filosofia e Comunicação** (CINFE), 2010, Caxias do Sul, RS. Cinfe: V Congresso Internacional de Filosofia e Comunicação, 2010.

ROSENBERG, Lia. O fracasso escolar: de quem é a culpa?. In:_____. **Educação e desigualdade social**. São Paulo: Edições Loyola, 1987, p.17-30.

_____. A escola: ruim com ela, pior sem ela. In:_____. **Educação e desigualdade social**. São Paulo: Edições Loyola, 1987, p.71-78.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Disponível em: < <http://www.todospelaeducacao.org.br/>>.
Acesso em: 10 de fev. de 2016.